



A TABELINHA ENTRE O FUTEBOL E A POESIA

Gustavo Cerqueira
Guimarães*

* gustavocguimaraes@hotmail.com

Doutorado e mestrado em Estudos Literários pela UFMG, com pesquisas acerca do “sujeito” e do “espaço” nas poéticas de João Gilberto Noll e Al Berto. Graduado em Letras e Psicologia pela PUC-Minas. É membro-pesquisador do FULIA – Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes da FALE/UFMG –, onde, atualmente, desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado intitulada “A *tabelinha* entre o futebol e outras práticas poéticas no Brasil” (Pós-Lit/PNPD/CAPES). É também autor dos livros de poesia *Língua* (Selo Editorial, 2004) e *Guerra* (inédito).

RESUMO: Este estudo visa a realização de um breve percurso histórico entre a literatura e o futebol, com destaque para a poesia e os estudos pioneiros de Pier Paolo Pasolini e Milton Pedrosa. Em seguida, pretende-se realizar uma análise comparativa de alguns poemas da literatura brasileira que versam sobre o futebol, ressaltando, sobretudo, seus aspectos formais e suas analogias estruturais. Para tanto, elege-se as antologias poéticas: *Gol de letra* (1967), de Milton Pedrosa, *Quando é dia de futebol* (2002), de Carlos Drummond de Andrade, e *Pelada poética*, de Mário Alex Rosa.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol e poesia; teoria da literatura; literatura brasileira; espacialidade; Pier Paolo Pasolini.

RÉSUMÉ: Cette étude vise à effectuer un bref parcours historique entre la littérature et le football, en particulier la poésie et les travaux pionniers de Pier Paolo Pasolini et Milton Pedrosa. Ensuite, nous avons l'intention de procéder à une analyse comparative de certains poèmes de la littérature brésilienne qui traitent avec le football, soulignant surtout ses aspects formels et leurs analogies structurelles. Pour ce faire, choisir les anthologies poétiques: *Gol de letra* (1967), Milton Pedrosa, *Quando é dia de futebol* (2002), Carlos Drummond de Andrade, et *Pelada poética*, Mário Rosa Alex Rosa.

MOTS-CLÉS: Football et de la poésie; théorie de la littérature; littérature brésilienne; spatialité; Pier Paolo Pasolini.

1. PRELIMINARES

CHUTES DE POETA NÃO LEVAM PERIGO À META

Paulo Leminski

O interesse pela prática futebolística e o seu impacto no Brasil tem sido crescente desde a chegada do esporte bretão no fim do século XIX em terras brasileiras. O futebol tem movimentado bilhões em dinheiro no mercado financeiro e gerado uma imensa produção discursiva, em destaque na pauta diária de todos os meios de comunicação, tornando-se um dos principais temas da cultura popular brasileira. Alguns intelectuais e artistas, ao longo desse tempo, também se ocuparam do futebol, expressando de maneiras variadas o seu rico campo semiológico. As artes brasileiras, sobretudo as literárias – por intermédio, até os anos 1980, da influente crônica carioca –, colaboraram muito para a consolidação do futebol enquanto prática esportiva no país, ajudando a edificar a sua imagem mítica desde o modernismo e contribuindo para a composição da identidade do brasileiro.¹

Assim, a seguir, traça-se um breve panorama das produções literárias em diálogo com o futebol, destacando-se sobremaneira a *tabelinha* entre o futebol e a produção poética feita em Minas Gerais, bem como evidenciando,

paralelamente, o campo dos estudos crítico e teórico a esse respeito. O termo *tabelinha*, já enunciado no título deste estudo, designa a jogada futebolística feita geralmente entre dois atacantes: um deles passa a bola para o companheiro e a recebe à frente, ultrapassando o adversário (Fig. 1). A realização dessa jogada de velocidade requer certo *entrosamento* entre os participantes, porque exige bastante precisão no tempo de bola e no deslocamento pelo espaço. Essa imagem da *tabelinha* foi motivadora para a proposição de se pensar o diálogo estabelecido entre outras artes e o futebol, ele próprio uma delas, por meio de suas homólogas estruturas. Ou seja, a relação estabelecida entre os aspectos formais do poema e os espaços “desenhados” no campo de jogo, seu sistema de significação, já apontados pelo cineasta italiano Pier Paolo Pasolini, na esteira da semiologia francesa de Roland Barthes, como bem nos mostrou o pesquisador José Miguel Wisnik:

Pasolini dizia que o futebol é uma linguagem, e comparava jogadores italianos com escritores seus contemporâneos, vendo analogias entre os estilos e as atitudes inerentes aos seus “discursos”. Mais do que isso, falava, escrevendo em 1971, de um futebol jogado em *prosa*, predominante na Europa, e de um futebol jogado como *poesia*, referindo-se ao futebol sul-americano, e, em particular, ao brasileiro. Essas ideias, que se tornaram mais conhecidas recentemente, foram muitas vezes banalizadas e reduzidas à superfície, sem que se atentasse para

1. Cf.: SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol* (2006). Livro que aborda o surgimento da crônica esportiva carioca, destacando a atuação do jornalista Mário Rodrigues Filho, cujo nome foi empregado na denominação do estádio do Maracanã.

o alcance inédito das suas sugestões. Apesar de seu caráter apenas indicativo, Pasolini não falava de poesia no sentido vago e costumeiro de uma “aura” lírica qualquer a cercar o futebol. Também não estava projetando “conteúdos” narrativos para dentro do campo. Em vez disso, influenciado, e não sem humor, pela voga semiológica da época [barthesiana], identificava processos comuns aos campos da literatura e do futebol.²

2. WISNIK. *Veneno remédio*, p. 13.

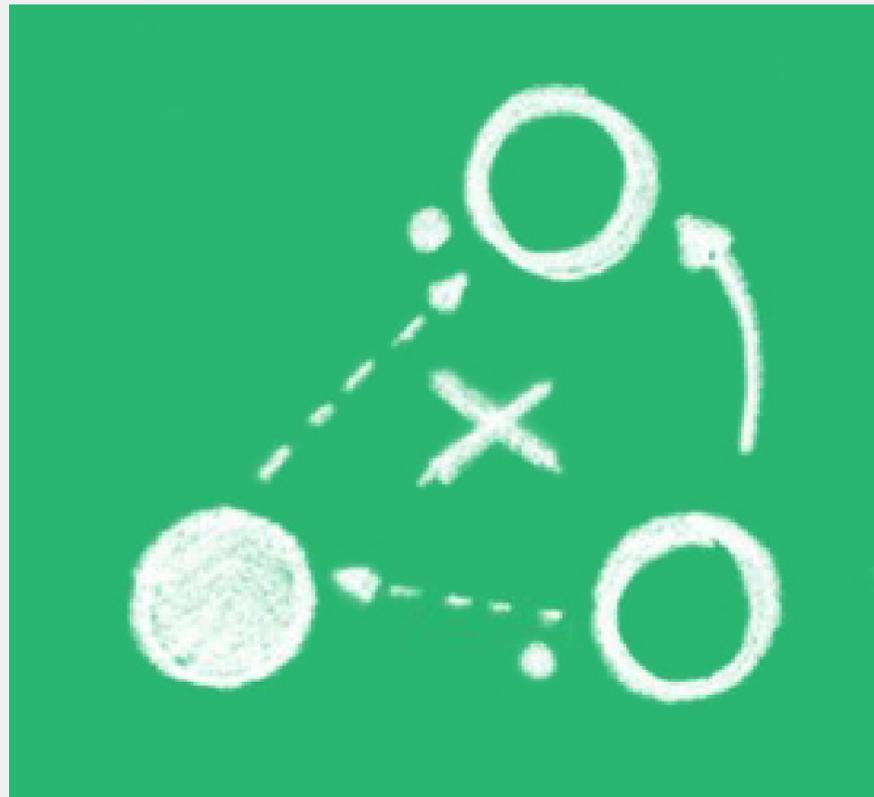


FIGURA 1

FIGURA 1
Tabelinha

Fonte: <<http://1doisdotcom.files.wordpress.com/2012/03/cabecalho.jpg>>

2. O CAMPO DO ASSUNTO

Em 2012, o periódico *Aletria* – revista do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG –, um dos principais dos estudos de literatura no Brasil, dedicou-se exclusivamente ao tema “Esporte, Literatura e Cultura”. Na apresentação desse dossiê, os organizadores destacam o atual crescimento do interesse acadêmico pelo futebol, gerado “em parte pela perspectiva da realização da Copa do Mundo de 2014 no país. Todavia, na área de Linguística, Letras e Artes há ainda um vasto campo a trilhar no sentido do desenvolvimento de pesquisas de caráter transdisciplinar que contemplem também o tema do futebol”.³

Essas possibilidades de intersecção se tornam ainda mais vastas se as associarmos à Música Popular Brasileira, à biografia e à memória, ao cinema, à fotografia, à mitologia, aos HQs, às charges, dentre outras formas de expressão artística. Por outro lado, se ponderarmos sobre o campo restrito dos Estudos Literários advindos dessa relação, constata-se que esses estudos vêm adquirindo mais adeptos na academia nos últimos anos, acrescidos de maneira mais ampla ao campo das Ciências Humanas, no qual se destacam a História, a Sociologia, a Ciência Política, a Antropologia, o Jornalismo e a Psicologia.

3. CORNELSEN; FERREIRA; SILVA. Apresentação. *Aletria*, p. 9. Edição organizada por pesquisadores do FULIA – Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes da Faculdade de Letras da UFMG –, núcleo criado em 2010, estabelecendo-se como o único da área inscrito no âmbito do CNPq, do qual sou membro pesquisador desde o início de 2012.

4. HISSA. *Aletria*, p. 45.

No artigo “A escrita com os pés”, publicado nesse mesmo periódico, o pesquisador Cássio Hissa, além de corroborar a ideia de muitos estudiosos de que o futebol é uma das mais expressivas representações de nossa sociedade, afirma ainda que ele é “um estimulante *modo de dizer o mundo*”.⁴ É nesse caminho que parecem situar-se alguns dos mais importantes pesquisadores brasileiros, que se dedicaram aos estudos sobre o assunto: o jornalista Mário Leite Rodrigues Filho, irmão mais velho do escritor Nelson Rodrigues – outro marco para a literatura e o futebol –, e José Miguel Wisnik, professor da USP e músico. Mário Filho, por intermédio de crônicas no jornal impresso, contribuiu muito para a construção do imaginário do futebol no país, promovendo um importante espaço para a produção discursiva em torno do tema; além, é claro, de ter publicado o pioneiro livro *O negro no futebol brasileiro* (1947; 1964), no qual o esporte bretão é articulado a outras áreas do saber, como a Sociologia e a Antropologia. Wisnik, por sua vez, contribuiu de maneira não menos vanguardista com o livro *Veneno remédio: futebol e o Brasil* (2008), que incide de maneira mais decisiva no campo dos Estudos Literários, logo estético, ao resgatar o ensaio do cineasta Pier Paolo Pasolini, de 1971, escrito após o fracasso da Itália diante do Brasil na final da Copa do México.⁵ O pensador italiano contribuiu especialmente na constituição do futebol como linguagem, como um sistema

5. Cf.: PASOLINI. “Il calcio ‘è’ un linguaggio con i suoi poeti e prosatori”, *Il Giorno*, s/ pág.. Disponível em: <http://www.interruzioni.com/calciopasolini.htm>.

de significação próprio, cunhando o “conceito” de “podema”, unidade mínima do futebol: o homem com a bola no pé.

Infatti le “parole” del linguaggio del calcio si formano esattamente come le parole del linguaggio scritto-parlato. Ora, come si formano queste ultime? Esse si formano attraverso la cosiddetta “doppia articolazione” ossia attraverso le infinite combinazioni dei “fonemi”: che sono, in italiano, le 21 lettere dell’alfabeto.

I “fonemi” sono dunque le “unità minime” della lingua scritto-parlata. Vogliamo divertirci a definire l’unità minima della lingua del calcio? Ecco: “Un uomo che usa i piedi per calciare un pallone” è tale unità minima: tale “podema” (se vogliamo continuare a divertirci). Le infinite possibilità di combinazione dei “podemi” formano le “parole calcistiche”: e l’insieme delle “parole calcistiche” forma un discorso, regolato da vere e proprie norme sintattiche.

I “podemi” sono ventidue (circa, dunque, come i fonemi): le “parole calcistiche” sono potenzialmente infinite, perché infinite sono le possibilità di combinazione dei “podemi” (ossia, in pratica, dei passaggi del pallone tra giocatore e giocatore); la sintassi si esprime nella “partita”, che è un vero e proprio discorso drammatico.⁶

Pasolini também sugere, sobremaneira, como anunciado preliminarmente, a associação do futebol europeu à *prosa*

6. PASOLINI. “Il calcio ‘è’ un linguaggio con i suoi poeti e prosatori”, *Il Giorno*, s/ pág.. Disponível em: <http://www.interruzioni.com/calciopasolini.htm>. Cf. trad. de Maurício Santana Dias: “De fato as “palavras” da linguagem do futebol são formadas exatamente como as palavras da linguagem escrita-falada. Ora, como se formam estas últimas? Formam-se por meio da chamada “dupla articulação”, isto é, por infinitas combinações dos “fonemas” – que, em italiano, são as 21 letras do alfabeto. Os “fonemas” são, pois, as “unidades mínimas” da língua escrita-falada. Se quisermos nos divertir definindo a unidade mínima da língua do futebol, podemos dizer: “Um homem que usa os pés para chutar uma bola”. Ai está a unidade mínima, o “podema” (se quisermos continuar a brincadeira). As infinitas possibilidades de combinação dos “podemas” formam as “palavras futebolísticas”; e o conjunto das “palavras futebolísticas” constitui um discurso, regulado por normas sintáticas precisas. Os “podemas” são 22 (mais ou menos como os fonemas): as “palavras futebolísticas” são potencialmente infinitas, porque infinitas são as possibilidades de combinação dos “podemas” (o que, em termos práticos, equivale às passagens da bola entre os jogadores); a sintaxe se exprime na “partida”, que é um verdadeiro discurso dramático”.

literária e do brasileiro à *poesia*. Uma análise crítica e teórica pormenorizada dessas reflexões feitas por Pasolini é encontrada no artigo “A ‘linguagem do futebol’ segundo Pasolini: ‘futebol de prosa’ e ‘futebol de poesia’”, de Elcio Cornelsen (2006). Nele, o pesquisador aponta para as mesmas relações utilizadas pelo cineasta para “estabelecer uma distinção entre ‘cinema de prosa’ e ‘cinema de poesia’”.⁷ Conquanto, se essas equações Europa-prosa e Brasil-poesia não estão, hoje, completamente invertidas, é certo que não são uma unanimidade. O futebol brasileiro prosificou-se e o europeu poetizou-se, de algum modo. Talvez, a lógica para pensar esse esporte associado ao gênero literário seja mesmo de maneira híbrida; isto é, tanto poético quanto prosaico, como a literatura é vem sendo pensada por certa teoria e por ela própria.⁸ Veja-se o que Wisnik pondera a respeito dessa questão:

Eu acho que no futebol os gêneros literários estão todos intrinsecados. Dos esportes todos, o futebol é o que mais deu margem a um espectro narrativo em que se mesclam o fino e o grosso, o épico, o trágico e o paródico; e ao mesmo tempo, uma dimensão lírica, a expressão da subjetividade inscrita num certo modo de ser de um jogador. Que é como o Chico Buarque vê o Pagão, por exemplo: aquilo é identificação lírica, com um jogador que, na infância, ele vê dar chapéus, assim, de calcanhar.⁹

Partindo-se dessa perspectiva, os trabalhos restritos ao campo das artes literárias brasileiras – se essa delimitação for

ainda possível, devido à permeabilidade das linguagens artísticas –, a crônica, pelos motivos já explicitados, mostra-se o gênero que mais se destacou no país e continua atraindo seus adeptos leitores. Com exceção da destacada e importante atuação dos cronistas para a edificação do futebol em nossa literatura e em nosso imaginário coletivo, a exemplo dos trabalhos de Mário Filho, Coelho Netto, Lima Barreto, Alcântara Machado, Nelson Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos, Armando Nogueira, Luis Fernando Veríssimo, dentre outros, a produção literária em distintos gêneros é pouca e pontual.

Milton Pedrosa, no ensaio “O futebol na literatura brasileira”, publicado em *Gol de letra* (1967), livro pioneiro sobre as raízes da relação entre o futebol e a literatura, afirma que em quase um século,

desde que a primeira bola saltou no chão carioca, nasceram, viveram e produziram incontáveis escritores de prosa e verso, múltiplas obras foram criadas nos mais diversos gêneros. No entanto, excluídas aquelas de caráter técnico, relativamente poucas são ainda as obras de ficção em que o futebol assume papel primordial. Entremostra-se apenas incidentalmente. Temos então que este esporte, hoje nacional, ainda não foi capaz de interessar os autores brasileiros na medida correspondente ao prestígio e à penetração que alcança nas camadas da população brasileira.¹⁰

7. CORNELSEN. *Calígrama*, p. 177.

8. Cf.: GUIMARÃES. Preâmbulo. *A espacialização do sujeito em João Gilberto Noll e Al Berto*, p. 23-37. Estudo anterior de minha autoria, cuja proposta é mostrar a hibridação dos gêneros literários e o diálogo com outras artes em João Gilberto Noll e Al Berto.

9. WISNIK apud CORNELSEN. *Calígrama*, p. 180.

10. PEDROSA. *Gol de letra*, p. 15-6.

11. PEDROSA. *Gol de letra*, p. 28-9.

12. Vejam-se alguns livros de contos que tematizam o futebol: *Maracanã, adeus: onze histórias de futebol* (1982) e *Amor na boca do túnel* (1992), de Edilberto Coutinho, tendo este último contado com a coorganização de Silvano Santiago; *Contos de futebol* (1997), de Aldyr Garcia Schlee; *Onze em campo e um banco de primeira* (1998) e *22 contistas em campo* (2006), de Flávio Moreira da Costa (org.); *Os cabeças-de-bagre também merecem o paraíso* (2001), de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta; *Contos brasileiros de futebol* (2005), de Cyro de Mattos; *11 histórias de futebol* (2006), de Juca Kfoury e Antonio Olivieri; *Histórias de futebol* (2006), de Luiz Vilela e Adilson Maria Viana. Alguns romances que colocam o futebol como centro da narrativa: *Os jogos de junho* (1981), de Eustáquio Gomes; *Memórias de uma bola de futebol* (2002), de Renato Pompeu; *Segunda divisão* (2005), de Clara Arreguy; *O paraíso é bem bacana* (2006), de André Sant'Anna; *O campeonato* (2009), de Flávio Carneiro; *Páginas sem glória* (2012), de Sérgio Sant'Anna; *Escravos do jogo* (2012), de Marlos Bittencourt; *O último minuto* (2013), de Marcelo Backes; *O dribble* (2013), de Sérgio Rodrigues; *A grande marcha* (2014), de Ewerton Martins Ribeiro.

E continua em outro momento:

Hoje ainda, ante o manifesto entusiasmo da quase totalidade da população brasileira pelo futebol, o tema persiste de certo modo à margem das concepções literárias. Meia dúzia de romances, pouco mais de três dezenas de contos e de poemas, três ou quatro peças de teatro, maior insistência na crônica, [...] são pouco para quase um século de futebol e a paixão de vai-para-uma-centena de milhão de pessoas.¹¹

No entanto, atualmente, ainda que de certa forma insatisfatória, constata-se um crescimento da Literatura Brasileira em interface com o tema do Futebol, sobretudo na escrita de contos e romances.¹² O primeiro impulso veio através das pequenas narrativas e, nas últimas décadas, alguns romances também assumiram a tendência de colocar o futebol como plano central de seu enredo.

Com relação ao gênero lírico, é de fato espantosa a constatação de uma significativa baixa produção. Pedrosa, em *Gol de letra*, além do ensaio referido acima, também apresenta uma antologia de contos e de poemas sobre o assunto, até aquele momento no Brasil. São apenas dez poemas,¹³ dos quais seis são construídos a partir de “versos regulares”, obedecendo as regras clássicas estabelecidas pela métrica, determinados pela posição das sílabas acentuadas em cada tipo de verso.¹⁴

Veja-se, a exemplo, o poema “O anjo de pernas tortas”, de Vinícius de Moraes:

A um passe de Didi, Garrincha avança
Colado o couro aos pés, o olhar atento
Dribla um, dribla dois, depois descansa
Como a medir o lance do momento.

Vem-lhe o pressentimento; ele se lança
Mais rápido que o próprio pensamento
Dribla mais um, mais dois; a bola trança
Feliz, entre seus pés - um pé-de-vento!

Num só transporte a multidão contrita
Em ato de morte se levanta e grita
Seu unísono canto de esperança.

Garrincha, o anjo, escuta e atende: - Gooooool!
É pura imagem: um G que chuta um O
Dentro da meta, um L. É pura dança!¹⁵

Em relação à forma deste poema, pretende-se pensá-la além das regras estabelecidas pelo campo teórico da poesia, como assegurar, por exemplo, que ele é um soneto composto por versos regulares,¹⁶ e especular que ele e alguns outros poemas futebolísticos avançam nas analogias estruturais

13. Cf.: “Match de foot-ball” (1916), de Apporelly; “Bungalow das rosas e dos pontapés” (1924), de Oswald de Andrade; “O salto” (1926), de Anna Amélia C. de Mendonça; “Aos heróis do futebol brasileiro” (1938), de Gilka Machado; “Maracanã” (1959), de Antônio Olinto; “O anjo de pernas tortas” (1962), de Vinícius de Moraes; “A copa: vídeo-tape para Raymundo Nogueira” (1962), de Homero Homem; “A bola de meia” (1965), de Luiz Paiva de Castro; “Aos atletas” (1966), de Carlos Drummond de Andrade; “Soneto do futebol” (s/d), de Artur Eduardo Benevides. In: PEDROSA. *Gol de letra*.

14. Cf.: GOLDSTEIN. *Versos, sons, ritmos*, p. 34.

15. MORAES apud PEDROSA. *Gol de letra*, p. 124.

16. Segundo Elcio Cornelsen, o poema de Vinícius de Moraes “apresenta forma fixa como soneto italiano, ou seja, contendo 14 versos distribuídos por 04 estrofes, sendo 02 quartetos e 02 tercetos. Predominam rimas cruzadas nas duas primeiras estrofes, com a estrutura abab-abab, enquanto os tercetos apresentam o esquema ccadda [...]. Os versos do poema em homenagem a Garrincha são isométricos, predominando decassílabos nos quartetos e hendecassílabos nos tercetos”. Conf.: CORNELSEN. Vinícius e o Futebol: um soneto para Garrincha. *Todas as musas*, p. 6.

entre futebol e poesia, porque trazem para o interior do texto imagens, formas, espacialidades, sons e ritmos derivados do campo futebolístico. Isso é acentuado, por exemplo, no antepenúltimo verso do poema de Vinícius de Moraes, quando ocorre o prolongamento da letra “o”, cuja métrica apesar de não ser plenamente transgredida, pois ainda obedece ao padrão poético estabelecido pelo “jogo literário”, ela irrompe, vaza, por meio do gesto-grito exuberante do “gooooool”, destacando-se dos demais versos do texto. Assim, é singularizado o momento primordial do futebol: a poeticidade do gol. Ou seja, à maneira pasoliniana, equivaleria a dizer que o gol é uma instância poética, pois ele transgride o código e a maneira prosaica de como o futebol também é praticado. “Ci sono nel calcio dei momenti esclusivamente poetici: si tratta dei momenti del “goal”. Ogni goal è sempre un’invenzione, è sempre una sovversione del codice: ogni goal è ineluttabilità, folgorazione, stupore, irreversibilità. Proprio come la parola poetica. [...] Il calcio che esprime più goal è il calcio più poetico.”¹⁷

Em relação ao conteúdo do texto poético, observa-se, por exemplo, que em sua maioria os poemas da antologia *Gol de letra* são eufóricos e homenageiam os jogadores, colocando-os em uma posição de idolatria, como o de Vinícius de Moraes ao evocar o “anjo” Garrincha.¹⁸ Deste modo, a relação da poesia com o futebol se daria em dois níveis de

análise, segundo a proposição sugerida pelo pesquisador Edônio Alves Nascimento, em seu breve ensaio “A letra e a bola: futebol e literatura no Brasil”. Por um lado, o nível *estrutural*, momento em que a literatura tomaria “o futebol enquanto matéria significante”, como destacados no último terceto do poema acima. Por outro lado, o nível *motivacional*, maneira pela qual “o futebol entraria na literatura como uma extraordinária fonte de preocupações temáticas”.¹⁹ Isso é patente e de fácil observação quando nos deparamos, por exemplo, com a antologia *Quando é dia de futebol*, de Carlos Drummond de Andrade, organizada pelos seus netos, em 2002, Luis Maurício Graña Drummond e Pedro Augusto Graña Drummond. Nela, está reunida de forma cronológica grande parte do que, ao longo de trinta e dois anos, o poeta itabirano escreveu sobre o futebol brasileiro. Segue-se o que expõem os organizadores: “ordenamos tudo cronologicamente, com a exceção do poema ‘Futebol’, no começo do livro, e de certos pequenos textos que, em geral, separam seções; estas basicamente são as próprias Copas do Mundo, desde 1954 até 1986”.²⁰ É interessante observar por esse prisma cronológico como o futebol passa paulatinamente a desempenhar um papel de protagonista junto à cultura brasileira. Os primeiros textos de *Quando é dia de futebol* marcam um período em que o Brasil sequer ainda era detentor do título de campeão mundial. E seus últimos textos, pelo contrário, a exemplo de “Entre o céu e terra, a bola”, de 1982, já

17. PASOLINI. “Il calcio ‘è’ un linguaggio con i suoi poeti e prosatori”, *Il Giorno*, s/ pág.. Disponível em: <http://www.interruzioni.com/calciopasolini.htm>. Cf. trad. de Maurício Santana Dias: “Há no futebol momentos que são exclusivamente poéticos: trata-se dos momentos de gol. Cada gol é sempre uma invenção, uma subversão do código: cada gol é fatalidade, fulguração, espanto, irreversibilidade. Precisamente como a palavra poética. [...] O futebol que exprime mais gols é o mais poético”.

18. A respeito da compreensão do fenômeno da idolatria na cultura brasileira, cf.: HELA, Ronaldo. *A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro*, *Alceu*, p. 19-36.

19. NASCIMENTO. A letra e a bola: futebol e literatura no Brasil. *Ludopédio* (site). Este sítio é uma das principais fontes de referência de acervo bibliográfico acerca dos estudos futebolísticos em nosso país.

20. Cf.: GRAÑA DRUMMOND. Introdução. In: ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 13.

edificavam o Brasil como “o país da bola”: “o futebol tomou conta do mês de julho, a menos que, com a provável vitória da Seleção Brasileira na Espanha, ele ocupe a atenção e a emoção dos brasileiros até o final de dezembro, se não preferir fazê-lo durante os próximos quatro anos ou mesmo até a consumação do século”.²¹

Os poemas encontrados nessa antologia, bem como em *Gol de letra*, sobremaneira homenageiam os ídolos do esporte e são acompanhados de um tom mais eufórico, embora em alguns momentos a disforia esteja presente associada à derrota do selecionado brasileiro. O poema “Copa do Mundo de 70”, de Carlos Drummond de Andrade, publicado no espaço de sua crônica no *Jornal do Brasil*, no dia nove de junho de 1970, após as duas primeiras vitórias do escrete canarinho na Copa do Mundo do México, bem exalta a euforia e a afinidade identitária do brasileiro com o futebol (“a pátria em chuteiras”, como apontou certa vez Nelson Rodrigues).²² Veja-se o trecho final do poema “I / Meu coração no México”:

[...]
 Hoje, porém, acordo, e eis que me estranho:
 Que é de meu coração? Está no México,
 voou certo, sem me consultar,
 instalou-se, discreto, num cantinho
 qualquer, entre bandeiras tremulantes,

microfones, charangas, ovações,
 e de repente, sem que eu mesmo saiba
 como ficou assim, ele se exalta
 e vira coração de torcedor,
 torce, retorce e se distorce todo,
 grita: Brasil! Com fúria e com amor.²³

Ao analisar os poemas das antologias *Gol de letra*, de Pedrosa, e *Quando é dia de futebol*, de Drummond, o tom eufórico e a homenagem ao ídolo parecem atravessar todo o século XX, desde as primeiras composições de poesia, e permanecer como temática em grande parte da produção poética contemporânea, como se pode verificar na primeira parte do poema “O olho, a bola”, de Vera Casa Nova, presente na antologia *Pelada poética* (2013):²⁴

O sujeito:
 Pelé, Garrincha, Zizinho,
 Gilmar, Castilho, Dida,
 Junior, Didi, Zico,
 Reinaldo, Ronaldo,
 Ronaldinho Gaúcho,
 Zózimo, Pepe, Bellini,
 Gerson, Rivelino, Tostão,
 Cerezo, Luisinho, Ademir,
 Ademir da Guia, Zagalo,

21. ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p.176.

22. Cf.: RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras*.

23. ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p.109.

24. Cf.: ROSA, Mário Alex; ABREU, Júlio (orgs.). *Pelada poética*. Belo Horizonte: Scriptum, 2013, 120 pgs. Essa obra contém 61 poemas resultantes da fusão de duas plaquetes lançadas anteriormente pela mesma editora, em 2006 e 2010, em virtude das copas do mundo. O livro conta com a participação Afonso Ávila, Sebastião Nunes, Marcelo Dolabela, Ana Martins Marques, Fabrício Marques, Carlos de Brito e Mello, dentre outros.

25. ROSA; ABREU (orgs.). *Pelada poética*, p. 98. Vera Casa Nova publicou, dentre outros, *Horizontes de passagem* (Poesia Orbital, 1997), *Desertos* (2003), *Rastros* (2006) e *Mistura fina* (2012). Este último foi indicado, em 2013, ao Prêmio Portugal Telecom.

26. ROSA; ABREU (orgs.). *Pelada poética*, p. 99.

27. Para aprofundar neste assunto, vejam-se as diretrizes de José Miguel Wisnik, em *Veneno remédio* (2008), e Hilário Franco Júnior, em *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura* (2007).

28. ROSA; ABREU (orgs.). *Pelada poética*, p. 29-30. Ana Martins Marques publicou *A vida submarina* (2009), ganhador do Prêmio Nacional de Literatura Cidade Belo Horizonte, e *A arte das armadilhas* (2011), indicado ao Prêmio Portugal Telecom em 2012.

Roberto Carlos, Cafu, Kaká, De Sordi, Mengalvio, Coutinho, Vavá, Moacir, Alex, Fred, Juninho, Fredeco, Waduca, Dario, Telê, Fio Maravilha...²⁵

Nesta estrofe somente com nomes de ídolos do futebol, Casa Nova, afeita às poéticas da voz, ao participar da instalação “Literatura e Futebol”, exposta no Museu do Mineirão, interpretou com maestria o seu texto à maneira dos locutores de rádio anunciando a escalação do time. Dessa forma, intensificou-se o *status* de grandeza dos jogadores em nossa cultura, resgatando simultaneamente a oralidade da “era do rádio”, tempo em que a seleção brasileira se misturava com um projeto político governamental, espelhando os anseios da população de ser reconhecida internacionalmente – “A bola está para o jogador / como o jogador está para o time – a nação”.²⁶

Embora seja inegável a forte presença do futebol em nossa cultura, a partir dos anos 1980 houve um enfraquecimento muito grande desse lugar do futebol como “ópio do povo”,²⁷ deixando igualmente para trás os ideais utópicos modernistas de exaltação da nação e as homenagens aos ídolos, como expresso no trecho do poema “À beira-mar”, de Ana Martins Marques: “ao menos neste poema / seria preciso evitar / tornar o futebol / metáfora de tudo”.²⁸

Em decorrência dessas considerações apontadas, ainda em relação à esfera temática, sugere-se pensar os poemas a partir de um paradigma temporal preciso, um divisor de águas futebolístico: a mítica seleção brasileira de 1982, e o período que se estende até a Copa do Mundo de 1986, quando acaba a geração, dirigida por Telê Santana, composta por craques como Luisinho, Cerezo, Falcão, Sócrates, Leandro, Zico e Éder, período que coincide com grandes transformações socioculturais em todo o mundo, como as quedas das ditaduras militares e do muro de Berlim. Coincidentemente, Carlos Drummond de Andrade escreveu sobre futebol até esse período, que também coincide com a era da globalização política e econômica, em que os jogadores começam a deixar o país.²⁹

Dessa forma, a antologia contemporânea belo-horizontina nos serve de contraponto para analisar comparativamente a produção poética disposta nas duas outras antologias, de Pedrosa e Drummond, e perceber mudanças significativas no modo como o futebol é representado pela poesia. Voltando ao ponto de vista formal, percebe-se que esse diálogo, bem como do futebol com as outras artes, torna-se mais estreito e mais diversificado após os anos 1980, pois igualmente há reflexos em sua estrutura. Os pontos de contato se tornam mais correspondentes por meio de elementos estéticos perceptíveis na organização global da lírica, ainda que não sejam

29. Esse período, a partir dos anos 1980, coincide com a queda da ditadura militar e também com algumas importantes variáveis da globalização, que fizeram do futebol um fenômeno cultural, quais sejam: a profusão discursiva em torno do assunto por meio do aumento dos parques editoriais no país; a popularização da TV, espaço privilegiado para a difusão do jogo em seu horário nobre às quartas-feiras e aos domingos; o advento da internet já neste milênio, etc. Segundo Hilário Franco Júnior: “a Copa do Mundo revela-se negócio extraordinário, com audiência que dava saltos constantes: 5 bilhões acumulados de telespectadores em 1982, 8 bilhões em 1986, 32 bilhões em 1990” (*A dança dos deuses*, p. 117). Por este ponto de vista, constata-se que foi depois de 1986 o grande salto da globalização no futebol.

utilizados os mesmos mecanismos. Veja-se, por exemplo, o poema “Reis de Copas”, de Jovino Machado:

taffarel céu
 Roque rock piazza asa Dario rio tostão bolão
 Rivelino hino Reinaldo rei
 Garrincha incha Maradona doma gaúcho luxo
 Pelé balé³⁰

Pode-se inferir que esse poema, para além de suas assonâncias e aliterações, identifica-se com a linhagem do concretismo e obedece ao que chamamos aqui de homologia estrutural entre futebol e poesia. E, segundo Glaucio Mattoso, em seu *Tratado de versificação* (2010), um dos mais importantes e atuais livros sobre metrificacão, ritmos e sons na poesia, há poemas que para sua “exata espacialização” precisam ser pensados também a partir de seus espaços vazios:

//////////////////// taffarel céu //////////////////////
 Roque rock piazza asa Dario rio tostão bolão
 ////////////////////// Rivelino hino Reinaldo rei //////////////////////
 Garrincha incha Maradona doma gaúcho luxo
 ////////////////////// Pelé balé //////////////////////

Visto com o auxílio dessa perspectiva teórica, pode-se inferir mais facilmente o time de futebol composto por onze jogadores ocupando a metade de um campo, como disposto em uma situação inicial de jogo, obedecendo ao esquema

tático 4-2-3-1: defesa (Roque Júnior, Piazza, Dario e Tostão); volantes (Rivelino e Reinaldo); meio-campo (Garrincha, Maradona e Ronaldinho Gaúcho) e ataque (Pelé). Observa-se também que o “poeta-treinador”, ao escalar o seu time de predileção, subverte o posicionamento original dos jogadores para atender, indiretamente, a um “futebol de poesia”, pois se trata de uma escalação irreverente, propensa ao drible, ao gol, à maneira pasoliniana anunciada inicialmente.

Por último, ressalta-se brevemente outro interessantíssimo poema passível de análise em relação à sua rica homologia com o universo futebolístico. O texto-rede, sem título, do belo-horizontino Carlos Barroso, presente na antologia *Pelada poética*, também traz, explicitamente, através de uma única imagem-tessitura, o momento máximo do futebol (o gol), igualmente concebido a partir da linhagem concretista da literatura brasileira, advinda dos irmãos Campos (Haroldo e Augusto):

goldgodgoolgoldgodgogoolgoldgodgoolgoodgoolgodgologood
 goodgoldgoolgoldgoolgoldgodgoldgoolgodgolgodgoolgool
 goolgodgoldgoolgoldgodgoolgoldgodgoolgodgoldgodgool
 goldgodgoolgoldgodgoolgoldgogoolgoolgodgoolgodgoodgo
 gologoldgoolgoldgoolgoldgodgoolgoldgoolgodgoolgodgolog
 godgodgoolgoldgoolgoldgodgoolgodgoolgodgoolgoldgod
 gogogoldgoolgoldgodgoolgoldgodgoolgodgoldgoolgoldgool
 gogodgoolgodgoolgoldgoolgoldgoodgoolgodgoolgolodgoolgod
 goldgoolgodgoldgoolgoldgodgoolgodgoolgodgoolgoldego
 goolgodgoldgoldgodgoolgoldgodgoolgodgoolgodgoolgoolgo

FIGURA 2

FIGURA 2

Sem título.

ROSA; ABREU (orgs.). *Pelada poética*, p. 61. Carlos Barroso publicou *Poetrecos* (Poesia Orbital, 1997), e os livros-objetos pela Edições CemFlores: *Carimbadas* (2008) e *Sãos* (2010).

30. ROSA; ABREU (orgs.). *Pelada poética*, p. 60. Jovino Machado publicou, entre outros trabalhos, os livros de poemas *Só poesia* (1981), *Trint'anos proust'anos* (1995), *Samba* (1999), *Fratura exposta* (2005), *Amar é abanar o rabo* (2009).

31. MATTOSO. *Tratado de versificação*, p. 224.

Para melhor ver esse poema, Glauco Mattoso novamente pode nos auxiliar, pois segundo ele “ainda que pareça estranho, também um poema concreto pode ser parametrado como se composto fosse em versos discursivos. A analogia se explica porque, mesmo que o poeta tenha pretendido abolir o verso e utilizar a página como espaço aberto à experimentação gráfica, é impossível escapar ao caráter bidimensional da poesia visual, e portanto permanecem as noções de horizontalidade e verticalidade”.³¹ Nesse sentido, percebe-se que o poema acima comporta tanto uma leitura horizontalizada quanto verticalizada. E para além de sua composição lexical – três palavras: *gol*, *gold* e *god* (todas derivadas do inglês) –, pode-se ver a partir das letras em negrito um jogo de luz e sombra que nos remete ao próprio alvo da partida: a rede de futebol. Daí advém a bem tramada homologia entre os campos. Assim, “congelando” o momento do gol, estabelece-se uma das mais bem realizadas ressonâncias entre o futebol e a poesia em nossa literatura brasileira.

Por fim, acredita-se que o caminho crítico e teórico apontado neste estudo, substancialmente por meio dos primórdios da relação entre literatura e futebol e da observação e análise das homologias estruturais entre o campo de jogo e o campo literário, ainda nos revelará promissores campos de investigação teórica, em crescente exploração na área dos Estudos Literários no Brasil, além de contribuir para a

compilação e difusão de fontes primárias a respeito da relação, *tabelinha*, entre o futebol, a poesia e outras poéticas no Brasil, além de colaborar, paralelamente, para o avanço do ensino de poesia em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- A. A. V. V. **Pelada poética** (plaquete). Belo Horizonte: Scriptum, 2010.
- A. A. V. V. **Pelada poética** (plaquete). Belo Horizonte: Scriptum, 2006.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. Pesquisa e seleção de textos de Luis Maurício Graña Drummond e Pedro Augusto Graña Drummond. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- CAMPOS, Augusto; CAMPOS, Haroldo; PIGNATARI, Décio. **Teoria da poesia concreta**: textos críticos 1950-1960. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.
- CORNELSEN, Elcio Loureiro. Vinícius e o Futebol: um soneto para Garrincha. **Todas as musas**, ano 5, n. 1, jul.-dez. 2013. Disponível em: http://www.todasasmusas.org/09Elcio_Loureiro.pdf.
- CORNELSEN, Elcio Loureiro; Ferreira, Luciane Corrêa; Silva, Marcelino Rodrigues da (org.). **Aletria** – revista de estudos de literatura: Esporte, literatura e cultura. Belo Horizonte: Pós-Lit; Faculdade de Letras da Ufmig, v. 22, n. 2, mai.-ago., 2012, p. 7-9.
- CORNELSEN, Elcio Loureiro. A “linguagem do futebol” segundo Pasolini: “futebol de prosa” e “futebol de poesia”. **Caligrama** – revista de estudos românicos. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Ufmig, v. 11, 2006, p. 171-99.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

Lima, João Gabriel de (org.). Livro Bravo! – literatura e futebol. São Paulo: Ed. Abril, 2010.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons e ritmos**. São Paulo: Editora Ática, 2001.

GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira. Preâmbulo. **A especialização do sujeito em João Gilberto Noll e Al Berto**. 300 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada). Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2013, p. 23-37.

HELA, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. **Alceu**. Rio de Janeiro: Departamento de Comunicação Social da Puc-Rio, vol. 4, n.7, jul.-dez., 2003, p. 19-36.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. A escrita com os pés. **Aletria** – revista de estudos de literatura: Esporte, literatura e cultura. Belo Horizonte: Pós-Lit; Faculdade de Letras da Ufm, v. 22, n. 2, mai.-ago., 2012, p. 45-57.

JÚNIOR, Franco Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LEMINSKI, Paulo. **Toda poesia**. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

MATTOSO, Glauco. **Tratado de versificação**. São Paulo: Annablume, 2010.

NASCIMENTO, Edônio Alves. A letra e a bola: futebol e literatura no Brasil. **Ludopédio** (site). Disponível em <http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/arquibancada/artigo/485> acesso em 20 ago. 2013.

PASOLINI, Pier Paolo. “Il calcio ‘è’ un linguaggio con i suoi poeti e prosatori”. **Il Giorno**, 1971, s/ pág.. Disponível em: <http://www.interruzioni.com/calciopasolini.htm>.

PASOLINI, Pier Paolo. O gol fatal. Trad. Maurício Santana Dias. **Folha de São Paulo** (Caderno Mais!), 06 mar. 2005, p. 4-5. Disponível em: http://www.italiaoggi.com.br/not01_0305/ital_not20050306a.htm. Acesso em: 20 mar 2014.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PEDROSA, Milton. **Gol de letra** – o futebol na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Gol, 1967.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras**: novas crônicas de futebol. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

ROSA, Mário Alex; ABREU, Júlio (orgs.). **Pelada poética**. Belo Horizonte: Scriptum, 2013.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noites de futebol**. Belo Horizonte: Ufm, 2006.

WISNIK, José Miguel. Preliminares. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2008.